

## Para que ler Ortega? (Uma introdução a *El Quijote* en la escuela)

Sylvio Roque de Guimarães HORTA \*

Poderíamos caracterizar o filósofo como *aquele que faz questão daquilo que faz*. Como uma criança nas fases dos porquês, dos para quês e dos comos, vive instalado num enorme ponto de interrogação. Ortega y Gasset, quem sabe devido à dupla interrogação no espanhol, tenha vivido radicalmente esta condição. De fato, iniciava muitas de suas atividades indagando qual a razão de estarem "gastando" aquele tempo – que na vida é sempre tempo único e insubstituível – naquela aula de metafísica, naquela palestra de bi-centenário, ou naquele estudo de certa personalidade. Ortega não aceitava a divinização da cultura; e, por essa razão, investiu boa parte de sua vida em luta contra o classicismo – contra o que gostava de chamar a "beataria" da cultura. Não aceitava que a vida fosse subordinada à cultura, mas que, pelo contrário, esta é que haveria de se justificar perante a vida.

Façamos o mesmo com o que ele nos deixou. Perguntemo-nos, sem mais rodeios, por que, afinal, haveríamos de ler – hoje em dia – um texto de Ortega escrito há mais de setenta anos?

Essencialmente porque Ortega criou um método capaz de apreender a realidade da pessoa humana, isto é, a vida de cada um (o que, evidentemente, nos interessa). Tal método, infelizmente – por razões a que não nos cabe aludir aqui –, ainda mal começou a dar seus frutos (talvez o clima da época não tenha sido adequado para o amadurecimento dos frutos, ou talvez as pessoas, padecendo de angústias e náuseas, não pudessem se aventurar a comê-los).

Assim, ainda hoje, ao pensarmos a realidade da vida humana, caímos, freqüentemente, nas armadilhas da tradição, isto é, ficamos presos aos nossos velhos hábitos de pensamento; e o que é mais grave: essas armadilhas são muito bem escondidas pela estrutura da nossa linguagem – forjada em vista de realidades naturais, substantivas.

Daí o nosso torcer-de-narizes sempre que os intelectuais<sup>1</sup> falam da nossa vida, fazendo uso de conceitos que visam a realidade enquanto coisa.

### O quem das coisas

A única maneira de evitarmos essas armadilhas é descobri-las com antecedência; tê-las expostas, presentes. E isso só é possível, se temos em mente a história dos nossos modos de pensar. A esse recurso do pensamento, Ortega denominou *razão histórica*.

Para nós, agora, será suficiente uma pequena exploração do problema, tendo como intenção mostrar a tenacidade com que a tradição naturalista<sup>2</sup> vem encobrindo, desde os pri-

(\*) Aluno do Programa de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

(1) Filósofos, psicólogos, sociólogos, cientistas e mesmo leigos no dia-a-dia. Aí também, a explicação de grande parte do desdém pela razão, vigente ainda hoje.

(2) Com as idéias de ser e substância, e os atributos de imutável, independente, etc., que as acompanham.

mórdios do pensamento grego, a idéia que temos de nós mesmos – sempre nos reduzindo a alguma coisa: matéria, psique, espírito, sociedade, organismo, etc.

Começaremos por Descartes – que nos servirá de exemplo paradigmático –, justamente por ter sido o pensador que mais desdenhou a herança intelectual do passado, revelando-nos, dessa maneira, a força que possui o hábito no pensar.

Quando o Ocidente parecia estar prestes a se livrar da visão estática e independente do ser, tropeça o filósofo numa pedra no meio do caminho: a *res inextensa*. Descartes substancializa o pensamento, coisifica-o, diz literalmente: "sou uma coisa que pensa". Com isso caímos na armadilha dualista, ficamos presos ao problema da comunicação das substâncias. Grande parte do trabalho da filosofia desde então não foi mais que buscar a solução para essa pedra cartesiana.

Apenas no século XIX, após adquirir grande mobilidade, principalmente no idealismo alemão, é que o conceito de realidade como algo diferente das coisas ganha força. A idéia da vida desponta no horizonte. Só que aqueles que vislumbram a nova terra – como Kierkegaard, Nietzsche, Bergson, Dilthey –, consideram-na impensável; a tradição da época os faz negar a possibilidade da metafísica como **razão**, já que esta se identificava com o racionalismo, sendo vista como incapaz de apreender a realidade da vida humana<sup>3</sup>.

Ortega considerava como missão do seu tempo a superação dessa dicotomia entre razão e vida. Partindo dessa necessidade, elaborou, o método da razão vital – que é razão narrativa, histórica –, que nos permite *descobrir* a realidade da vida, e lidar com a realidade pessoal e histórica – com o *quem* das coisas.

### ***Os escritos de Ortega como icebergs***

Todos conhecem a sentença de Ortega: "eu sou eu e minha circunstância", mas poucos sabem o quanto é impossível compreender a sua filosofia sem o conhecimento de quem era Ortega e sua circunstância. Os escritos de Ortega são verdadeiros icebergs (como costuma dizer Julián Mariás). Neles, nunca se encontrará a exposição explícita da filosofia de Ortega, mas só os sinais, os princípios sedutores, que irão indicar o caminho para aqueles que desejarem explorar a parte submersa do seu iceberg metafísico. (No caso de Ortega o iceberg encontra-se em águas cálidas; o filósofo temperou bem o frio do pensamento com o quente do coração).

O texto *El Quijote en la escuela* é um desses icebergs orteguianos, de onde se pode facilmente deduzir toda uma teoria da educação, e fundamentá-la no seu sistema metafísico.

O texto encontra-se no "livro" intitulado *El Espectador*, uma série de oito volumes, publicados entre 1916 e 1934. *El Espectador* foi uma série "muito descontínua de pequenos livros, coleções de ensaios longos, artigos ou notas muito breves, separados às vezes por intervalos de três a quatro anos"<sup>4</sup>, que depois foi publicada completa em forma de livro. Isso poderia nos dar a falsa impressão de que fosse "uma coleção arbitrária de escritos breves,

(3) O caso de Dilthey merece uma consideração à parte; no momento, porém, basta-nos ter em mente que a idéia que possuía sobre a razão nunca lhe permitiu descobrir que criara uma nova forma de pensar a metafísica.

(4) MARIÁS, Julian. *Ortega – las trayectorias*. Madrid, Alianza Editorial, 1983, cap. III.

transformação de um projeto inicial que não chegou a se realizar", mas "quando se lê *El Espectador* percebe-se uma unidade de atmosfera e estilo, uma estranha unidade, que faz dessa acumulação de trabalhos díspares uma obra de fisionomia inconfundível"<sup>5</sup>, e que, afirma Marias, parece ficar cada vez mais interessante e valiosa.

*El Espectador*, tem, segundo o próprio Ortega, a pretensão de descrever a vertente que lhe envia a própria realidade, e a sua intenção "*exclui de uma maneira formal o desejo de impor a qualquer um*" as suas opiniões, e aspira, de fato, "*à contagiar os outros para que sejam fiéis, cada qual a sua perspectiva*". Como o próprio nome do livro sugere, *El Espectador* é o espaço que Ortega encontrou para a sua contemplação filosófica; é filosofia implícita e não explícita.

Encontraremos, desse modo, atuando no texto os grandes temas da obra de Ortega: a idéia de vida, de perspectiva, de paisagem, da interdependência entre o eu e a circunstância; a crítica ao utilitarismo; a sua tentativa de nos persuadir a levar a vida instalados numa disposição esportiva; a sua afirmação de que a cultura não é filha do trabalho, mas do esporte e que não nasce de si mesma, mas de potências e virtudes pré-culturais; o papel da metáfora na vida etc.

Ao ler o texto, no virar de suas páginas, no demorar-se os olhos sobre suas palavras, será difícil negar a surpresa que nos produz o seu insólito caráter lírico (o que é válido para todo o livro). Isso se explica, em parte, pelo fato de o projeto do livro ter nascido de *uma explosão de alegria pessoal*, como nos fala o próprio autor no primeiro ensaio.

## O papel da metáfora

Gostaria de realçar, agora, o papel que Ortega dá à metáfora na educação e o uso que dela faz na filosofia; já que, nesse ponto, parece estar em sintonia com as visões mais recentes sobre o assunto e, sem dúvida, poderemos encontrar nele farto material para estudo.

Ortega diz, no mesmo *El Espectador*: "Quando um escritor censura o uso de metáforas em filosofia, revela simplesmente o seu desconhecimento do que é filosofia e do que é a metáfora. A metáfora é um instrumento mental imprescindível, é uma forma do pensamento científico". Afirma, também, que a metáfora é usada "quando nos encontramos com certas realidades difíceis de se pensar (por exemplo: o fundo da alma). **Além de ser um meio de expressão, a metáfora é um meio essencial de inteligência.** A metáfora é uma verdade, é um conhecimento de realidades. Descobre fatos tão positivos como os habitualmente descobertos pela investigação científica"<sup>6</sup>.

Por outro lado, segundo Ortega, a maneira mais eficaz de se fundamentar um pensamento é a *vivificação*. As coisas só adquirem pleno sentido se radicadas na realidade que é a vida de cada um. Quando reclamamos de que algo é muito abstrato, que não tem sentido, é que não conseguimos "localizar" aquele assunto em nossas vidas. Fica, então, separado do resto, sem sentido. A vida é lugar do sentido. Ninguém melhor do que a metáfora para nos **re-membrar** a vida. Ninguém melhor do que Ortega para nos ensinar a usá-la.

---

(5) *Ibid.*, cap. III.

(6) *El Espectador*, no texto "As duas grandes metáforas" (o grifo é nosso).

## **A PEEL É UMA EDITORA ESPECIALIZADA EM VIDEOCURSOS PARA O AUTO-APRENDIZADO DE IDIOMAS**

Em 1986 a Apel lançou no Brasil o primeiro curso de inglês em vídeo para o auto-aprendizado: **FOLLOW ME**.

Desde então, a Apel seguiu lançando novos cursos, de vários idiomas.

Pioneira, hoje a Apel é a líder no mercado de videocursos autodidatas de idiomas, introduzindo no Brasil os principais lançamentos mundiais, simultaneamente.

**Conheça os nossos cursos e comunique-se com o Mundo!**

### **FOLLOW ME**

Inglês britânico da BBC, com 4 estágios (Basic, Intermediate, Advanced e Superior) 16 fitas de vídeo, 16 audiocassetes e 16 livros de texto e exercícios.

### **FAMILY ALBUM, USA**

Inglês americano da Macmillan, de New York (para quem já tem base) 12 fitas de vídeo, 8 audiocassetes, 2 livros-fichários com texto e exercícios e 1 bolsa.

### **ALLES GUTE!**

Curso de alemão da Langenscheidt e Instituto Goethe da Alemanha, 6 fitas de vídeo, 2 audiocassetes, 1 livro de texto, 1 dicionário e 1 bolsa.

### **BIENVENUE EN FRANCE**

Curso de francês, da Hatier/Didier de Paris.

6 fitas de vídeo, 4 audiocassetes, 2 livros de texto, 2 cadernos de exercícios e 1 bolsa.

### **MUZZY IN GONDOLAND**

Curso de inglês da BBC para crianças (em desenhos animados), 2 fitas de vídeo, 1 audiocassete, 6 livros de atividades, 1 livro de exercícios, 1 livro de músicas, 1 guia do curso, 1 poster, 1 estojo, 1 maleta e figuras auto-adesivas.

**Outros Cursos:** Follow Through, Bid for Power, Medically Speaking, Financial English, Muzzy Comes Back, etc.

**Lançamentos:** Japonês, Italiano e Espanhol

### **APEL EDITORA**

Av. Pompéia, 1578 - CEP 05022 - V. Pompéia - S. Paulo - SP

Fone: 872-6122 - Fax: 65-8068